

# EDITORIAL

## ANO VIII – VOL. I

ECOSOFIAS E ANIMAIS NÃO HUMANOS  
EM BUSCA DE PONTES E TECIDOS

*Eduardo Rincón*  
*Nicolás Jiménez*  
*Juliana Granados*

No marco da análise crítica sobre os diversos tipos de relação que temos com os demais animais, as possibilidades de encontrar indícios e alternativas para a transformação cultural também podem ser obtidas nas tradições da sapiência, as espiritualidades e saberes não-hegemônicos que relatam e praticam relações humano-animal-natureza caracterizadas pelo reconhecimento da interdependência, a interconexão e a imbricação de tudo o que é vivo.

Nesse sentido, essas múltiplas ecosofias, enquanto sabedorias para habitar o planeta e coabitá-lo com os demais animais, nos abrem novas possibilidades de compreensão da relação entre as singularidades humanas e as não humanas no âmago da vitalidade planetária, colocando-nos de frente a novos desafios para a construção de tecidos e pontes em defesa da vida como totalidade, sem perder de vista, obviamente, a vida singular de cada ser.

Essas ecosofias são, precisamente, um ponto chave de interesse neste dossiê, em que se exploram leituras alternativas que dão conta de paradigmas que fogem dos marcos canônicos ocidentais e se permitem exigir possibilidades de coabitação do planeta, sem descuidar a atenção moral para a Terra enquanto organismo vivo e para os animais como indivíduos com vidas – que podem estar melhor ou pior.

Explorar esses aportes ecosóficos permitirá enfatizar a necessidade do cultivo interior para reconstruir os marcos conceituais que têm permeado as sociedades e civilizações mais imediatas e que têm formado, de diversas maneiras - diretas ou indiretas – o caráter e a visão de mundo configurando uma série de referências que influenciam a práxis humana.



É justamente no cultivo da vida interior que se situa uma aresta muito valiosa para a urgente transformação cultural, pois embora seja urgente um repensar radical dos referentes econômicos hegemônicos e sua influência no tipo de sociedades por eles moldadas, não o é menos o trabalho de filigrana que supõe uma avaliação das próprias concepções individuais sobre o lugar que cada um ocupa na Terra.

Para tal avaliação podemos apelar a outras formas de sabedoria, como práticas transformadoras atentas às diversas formas de dominação, exploração, controle e domesticação que se esforçam para propiciar transformações culturais a partir da observação de si mesmo, sem cair em esnobismos ou estilos de vida complacentes, mas promovendo a amplitude do impacto nas bases da sociedade enquanto reflexo da constituição de cada mundo interior.

Com enorme ânimo para o diálogo, este dossiê quer encontrar pontes e construir tecidos para enfrentar os diversos cenários de colapso socioecológico nos quais os animais não humanos são vítimas de primeira ordem. Sendo assim, se espera que a construção deste dossiê possa contribuir para o enriquecimento de redes de trabalho interseccionais, inter e transdisciplinares, pluriculturais, de ontologias e epistemologias relacionais, orientadas para a conquista de diferentes comunalidades como resposta direta ao momento histórico que configuramos socialmente.

Enquanto este dossiê estava sendo finalizado, ocorria a maior greve geral da história recente da Colômbia, um sucesso ao qual os coordenadores deste dossiê não estão alheios. O fato de haver uma explosão social tão vigorosa em um país como a Colômbia, durante uma pandemia produzida pelo vírus SARS-Cov-2 – um vírus conectado diretamente com o maltrato sofrido por milhões de animais em todo o planeta – obriga a pensar no estado atual das sociedades latino-americanas e nas estruturas políticas e econômicas que configuram as relações entre os seus indivíduos. Neste cenário pandêmico e de estalos sociais surge este dossiê ecosófico, dotado de muitas ideias para intervir no mundo com alternativas mais éticas para cada ser.

Não há dúvida de que o modelo atual está esgotado em si mesmo, e que este declive está prejudicando a vida de cada indivíduo que compõe a Terra, especialmente aqueles indivíduos animais, não humanos, que têm sido convertidos em matéria-prima, produto ou objeto de transações, desconhecendo a sua dignidade e a consideração moral que lhe é devida. Existe uma dívida descomunal com esses indivíduos e com a Terra, oikos comum da vida.

Diante deste estado atual de esgotamento, torna-se ainda mais justificável a existência de um dossiê que oferece leituras com alternativas diferentes e que oferecem novas luzes para restabelecer um paradigma mais justo para cada ser, um paradigma que rompa com a herança antropocêntrica que fundamenta uma marginalização histórica daquele que não é o *ánthrōpos*. Sendo assim, este dossiê é um esforço de colaboração com



a empreitada de promover uma reflexão atual em busca de novos tecidos, em que a vida de cada ser seja partilhada igualmente com a dos restantes.

Este dossiê se inicia com uma pluralidade de Buscas, certamente inconclusas, mas por isso mesmo muito significativas, já que buscam aventurar-se por diferentes caminhos. O primeiro artigo, de José Ramón Orrantia e Maria del Carmen Valle, leva a cabo uma busca por ressignificar o humanismo através do pós-humanismo. “É possível repensar o humanismo como uma ecosofia?”, se perguntam os autores, que consideram estrategicamente inadequado o abandono do humanismo como projeto ético-pedagógico, desde que possa ser retrabalhado à luz de um contraste adequado com o antropocentrismo, de modo que seja possível reivindicar um retorno à natureza e não sua apreensão instrumental.

Em seguida, Renata Prati compartilha conosco uma reflexão sobre a arte, a dança e os animais em Nietzsche, nos convidando a buscar um animal dançarino através da releitura do filósofo alemão, e articulando o problema da humanização da arte, em particular da dança, com o do corpo e da doença, de forma a desafiar o que é próprio do humano e assim superar os laços violentos que determinam as nossas relações (corporais, corporificadas) com os animais. Continuamos essas buscas com um artigo sobre o conflito puma-iku na Sierra Nevada de Santa Marta, Colômbia. A abordagem realizada por Laura Camila e Juan Sebastián dá conta, entre outras coisas, das dificuldades que o pensamento ocidental tem ao se deparar com o diferente, agindo, por meio do exercício punitivo, contra as diversas compreensões do que é vivo, como em caso das comunidades indígenas. Além de chamar a atenção para a supersimplificação em que geralmente se situam essas análises, o artigo oferece elementos essenciais para pensar os estudos críticos com animais na América Latina em seu próprio contexto.

Logo após, Martina Davidson contribui com uma importante análise em que aborda criticamente o conceito de veganismo elaborado pela Vegan Society em 1944. Essa genealogia crítica permite identificar algumas ausências no conceito. E não é à toa. Como Davidson aponta, a partir de uma revisão documental rigorosa dos boletins informativos desta organização, a ideia do veganismo surgiu ignorando a diversidade racial e étnica do mundo e legitimando, por sua postura ambígua e passiva, a política de guerra britânica. Hoje são reeditadas versões muito semelhantes que dialogam exclusivamente com determinados setores sociais, à parte dos problemas derivados do modelo capitalista. Por isso, esta análise oferece um contexto e algumas questões-chave para pensar e praticar, na América Latina, outro(s) veganismo(s) capazes de dialogar com diferentes lutas e reivindicações.

O artigo acadêmico de Xuksa Kramcsak-Muñoz surge na sequência, examinando, a partir de uma perspectiva antiespecista e ecofeminista, a negação ideológica no contexto



da crise climática. Uma das ideias centrais deste artigo é que tanto os negacionistas quanto seus oponentes - representados no discurso de quatro ONGs reconhecidas na Espanha e no resto do mundo - têm um viés antropocêntrico - implícito no caso das ONGs - que os leva a inação climática. O artigo a seguir também enfoca o antropocentrismo, mas, neste caso, a análise enfoca a teologia da libertação. É a tradução de um capítulo de Teologia Animal, escrito há mais de 25 anos pelo teólogo anglicano Andrew Linzey, no qual, além de abordar criticamente as contradições que a teologia da libertação encontra por seu compromisso com o antropocentrismo moral, reformula o humanismo sobre a base de um antropocentrismo epistemológico. Linzey se propõe a repensar, e esta é uma ideia que não perde validade, as relações interespecies não apenas no quadro de uma teologia da libertação, mas também a partir de uma ética da libertação na qual se traçam relações - que o autor não pretende construir, mas descobrir na cristologia - entre a libertação animal e a justiça social.

Esta primeira secção de buscas se encerra com uma entrevista com Paula Casal conduzida por Isaac Aarón, que nos apresenta um diálogo muito pertinente em que se aborda o valor da tradição na prática da tauromaquia, diálogo através do qual se discutem importantes problemas éticos a partir de um olhar que poderia ser considerado como "desapaixonado", mas que oferece, por isso mesmo, elementos importantes para a ação e as disputas em defesa dos animais. Espera-se que essas buscas, como ensina Ida Vitale, comuniquem as preocupações, mas também ajudem a entender os erros que, eventualmente, permitem construir pontes, como as que compõem a segunda seção do dossiê que apresentamos a seguir.

A seção de Pontes começa com uma reflexão de Alejandro Villamor sobre a morte de animais à luz do debate bem-estarismo - abolicionismo, em particular a partir das críticas feitas por Gary Francione a Peter Singer e Tom Regan, em que defende a tese de que a morte é realmente um mal para os animais. Em contraposição a esta revisão teórico-filosófica, a contribuição seguinte é feita por Olga Ayometzi com uma análise da alteridade de uma das obras literárias do argentino Manuel Mujica Láinez chamada Cecil, um romance que faz parte da tradição literária do cão-narrador. Aproveitando essa estrutura, a autora do artigo identifica na obra caminhos para pensar novas formas de convivência entre humanos e não humanos.

Mais adiante, José Castellanos propõe uma releitura do poema Muerte de Narciso, de José Lezama Lima, em que são exploradas outras dimensões do olhar e, conseqüentemente, do lugar do humano no mundo. Apoiando-se no perspectivismo de Viveiros de Castro, o autor dá lugar central ao que denomina "a invasão das animalidades não humanas" no poema para analisar, deste modo, outras formas de pensar o outro (animal). Jonathan Caudillo lhe segue com um estudo sobre a validade crítica do cinismo antigo. O autor aborda a relação entre filosofia e vida em consonância com a sabedoria



canina - uma possível ecosofia, por que não - que, como aponta o autor, “nos coloca no lugar do limite dos processos civilizatórios”.

O artigo seguinte, de Silvana Vignale, também enfoca o problema do olhar, no esquecimento do olhar do animal para ser mais exato. Esse esquecimento está inevitavelmente ligado à história do humanismo, à introdução do cálculo e da regularidade. Esta viagem, como se pode verificar na primeira parte do título “Chorar abraçado ao pescoço de um cavalo”, reivindica um distanciamento - ou melhor, uma traição - do humano, um gesto que certamente abre outras possibilidades de conhecer/habitar o corpo e o mundo. Em “Política da animalidade. A vida felina e sua localização”, Nicola Zengiaro contribui com uma versão em espanhol de um artigo de sua autoria publicado em 2020 na Rivista Italiana di Zooantropologia. O autor explora como o lugar que a animalidade ocupou na filosofia tem permitido a reconfiguração da ontologia, da ética e da subjetividade. Novamente, o olhar animal ativa outras possibilidades de organização política que se desdobram para além do indivíduo e que permitem o reconhecimento de alteridades historicamente ignoradas.

Manuel Méndez-Tapia conclui esta seção com “A doença de Kin, Covid-19 e a nova normalidade: alianças e figuras antiespecistas em horizontes temporais da subjetividade”. Nesse tipo de exercício ecosófico, o autor apresenta algumas linhas de análise a partir dos afetos. A partir de uma narrativa pessoal e autoetnográfica - uma homenagem à sua cadela Kin, que perdeu a vida após uma doença - o autor reflete sobre possíveis alianças antiespecistas, relacionando sua perda com uma reflexão sobre a intervenção médico-veterinária, as fronteiras dos corpos, a primazia da razão e a conjuntura produzida pelo vírus SARS-Cov-2. Kin, diz Manuel - e esperamos que você leitor e leitor possa experimentar algo semelhante - “me ensinou a abrir outras pontes e a restaurar tecidos resistentes à vida”.

A sessão seguinte deste dossiê, Tecidos, inicia com o artigo “Novo abolicionismo ou veganismo popular? O problema das políticas de libertação total e seus vestígios moderno-coloniais” escrito por Juan José Ponce, onde se faz uma revisão crítica da perspectiva do “ponto de vista animal” do filósofo norte-americano Steven Best. Segundo o autor, a matriz ideológica da modernidade continua operando nessa perspectiva. Assim, Juan José propõe uma episteme animalista do Sul e contrasta com o veganismo colonial moderno o compromisso com um veganismo popular ou plebeu em tom latino-americano.

Em “Anima: o papel da imaginação e da empatia na monadologia de Wajdi Mouawad e Jakob von Uexküll”, as experiências e explorações ecosóficas continuam a ser tecidas. Diego Moreno, autor deste artigo, propõe uma redefinição do conceito de mônada introduzindo, com o apoio do dramaturgo canadense de origem libanesa e do



etólogo alemão, uma forma de abordar o real dos animais com espírito conjuntivo e poético. Também apelando para a arte, Lorena Menacho nos oferece uma reflexão interessante, mas neste caso seu foco principal de atenção é a relação entre o latino-americano e o animal. A arte como lugar de diagnóstico para explorar possíveis modos de representação do animal que permitem recuperar aquilo que, segundo a autora, se perdeu com o humanismo.

Quais fenômenos emergem do processo de domesticação animal e qual é sua origem? Esta questão é abordada por Blanca Uribe a partir de uma rigorosa revisão bibliográfica nas áreas de biologia molecular, zooloquia e os *animal studies*. O artigo afirma "que os seres humanos têm uma história de suas relações com os animais, mas os animais também têm uma história de suas relações com os seres humanos."

Em "O animal e o queer através das comunidades de compostagem. Reflexões em torno de uma fabulação especulativa em curso", Lucía Pereyra Robledo y Carli Prado apresentam uma reflexão sobre a construção do humano como exceção e as tensões (bio)políticas que ela produz. As autoras propõem, a partir das reflexões de Donna Haraway, "construir redes que armam e sustentam tecidos", que implantam outras formas de produção de conhecimentos, afetos e experiências para interrogar e superar estruturas endêmicas de dominação e violência. Em "Como um animal: um símile em vez de um sujeito", escrito por Todd McGowan e traduzido para este dossiê por Sergio Aguilar, aborda uma questão fundamental, a saber, o uso de símiles de animais para explicar os atos humanos, ou seja, para controlar o "fronteiras" que nos separam do "animal" e nos tornam "humanos". Após isso, do feminismo, pós-estruturalismo e pós-colonialismo, Denisse Zamorano aborda as representações, discursos e práticas presentes nas relações humano-animal para repensar a construção das diferenças e articulá-las em direção a um projeto alternativo de convivência interespecie.

Esta seção é encerrada com o artigo "De Barrett a Guattari: Cartografias ecosófica para problematizações de formas de relacionamento de vida", de Raúl Acevedo, no qual uma interessante abordagem da ecosofia é realizada a partir de e através de quatro pensadores. Este é, talvez, o único artigo deste dossiê em que se tenta construir uma definição de ecosofia. No entanto, e como confirmação de suas diferentes e possíveis articulações ético-políticas, o autor respeita o caráter heterogêneo, aberto e situado das reflexões ecosófica. Como aponta Guattari, a finalidade das cartografias ecosófica "não será significar e comunicar, mas produzir conformações de enunciação capazes de captar os pontos de singularidade de uma situação".

Duas seções fecham este dossiê em que também encontramos chaves e traços ecosófica que nos convidam a vivenciar, afetiva e esteticamente, as relações humanos-animais. Na seção Arte, Juan Cepeda nos convoca, por meio de uma prosa direta e



inequívoca, a uma viagem lírica repleta de exortações, onomatopeias e histórias que se encerram com uma evocação da verdade espiritual por meio de um convite ao silêncio. Com intenção semelhante mas a partir de outras coordenadas, Laura Borsellino apresenta-nos posteriormente uma reflexão sobre a forma como o conhecimento biológico se constrói a partir da teoria e da prática ecofeminista, situada na experiência epistemológica, comunicacional e afetiva de La Colectiva de Observadoras de Pájaros Feministas na Argentina, em uma clara disputa pela politização das ciências da vida. Logo após, encontramos dois pequenos textos de Aldo Leopold traduzidos por Celina Ugrin nos quais se introduz a possibilidade de repensar a vida a partir dos contornos ocultos do não-humano, reflexão que continua válida e nos permite caminhar por outros horizontes de pensamento e de práticas socioambientais. Esta seção se encerra em um anedotário reflexivo de Fede Luna, na qual aparecem algumas ecosofias disputadas que não se referem apenas ao enxame cosmovisional de relações interespecies, mas também à própria composição dos corpos e espaços que são produzidos nesses processos.

E concluímos este dossiê, por fim, com Mauricio Fernando Pitta que faz uma interessante resenha do livro *A cosmopolítica dos animais* de Juliana Fausto, destacando que é possível filosofar para além dos pressupostos humanos, e que, além disso, é possível fazê-lo. com e de animais. O livro, comenta Pitta sobre Fausto, reflete sobre a política ao articular diferentes campos do conhecimento para superar seu exacerbado logocentrismo.

Este dossiê não pretendeu, de qualquer maneira, desenvolver exaustivamente a relação entre o campo da ecosofia e o dos estudos críticos em animais, mas apenas levantar elementos ou, se quisermos, continuar a abrir caminhos para pensar outras formas de abordar as relações interespecies. A ecosofia não é aqui utilizada univocamente, mas aparece, ora como saber, ora como prática, mas também como memória, como território, como cartografia, como caminho e como conjunto de buscas, pontes e tecidos. Ecosofia refere-se, sem dúvida, a um conhecimento profundo que explora lugares às vezes inesperados que fornecem outras perspectivas para abordar a questão animal e, em geral, nossas relações com todos os seres vivos. Acreditamos também que a ecosofia permite avançar no exercício realizado pela Revista de repensar os estudos críticos com animais na e da América Latina e Caribe.

A ecosofia, nessa ordem de idéias, não apenas questiona nossa história e legado colonial, mas também busca descolonizar o próprio procedimento dessa interrogação crítica, recuperando epistemologias não ocidentais. Isso não só nos permite repensar o humano, mas também resgatar outros tipos de relações interespecies associadas a outras culturas que geralmente são invisibilizadas.

## **Editorial (Português)**

**Eduardo Rincón, Nicolás Jiménez & Juliana Granados**



REVISTA LATINOAMERICANA DE  
**Estudios Críticos Animales**

Sem dúvida, as visões oferecidas neste número ecosófico contribuem significativamente para caminhos ainda não percorridos, com visões soterradas pelo projeto moderno e com novas interpretações sobre a relação com o outro; ao mesmo tempo, elas defendem uma práxis subversiva construída a partir da originalidade dos saberes e sapiências comunitárias. Porque se existe algo que não pôde ser colonizado, foi o ímpeto para pensar a partir do nosso contexto, e a prova disso é este dossiê.